

Já as peças, apesar de não serem, na sua maioria, elementos de arte móvel, são oriundas do território português e servem para ilustrar algumas das divindades que eram alvo de culto pelos nossos antepassados, nos terceiro e quarto milénios antes de Cristo.

Com excepção da escultura que ostenta uma epígrafe em português (colocada no início da exposição) e da cabeça fontenária de inspiração céltica, cuja data de criação não foi possível determinar, as restantes peças enquadram-se num período em que os grupos humanos já tinham abandonado um estilo de vida nómada, associado à caça e recollecção, e começado a sedentarizar-se instalando-se em locais propícios à actividade agrícola e pastorícia.

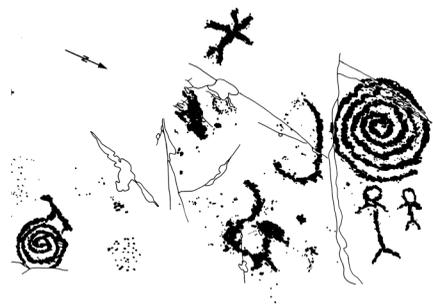
A necessidade de marcar o território e de estabelecer uma relação com os deuses que garantiam a protecção a esses grupos, levou ao surgimento de estelas e menires decorados com motivos antropomórficos, ou zoomórficos como os que se apresentam nesta exposição.

A tampa de sepultura e as placas de xisto gravadas relacionam-se com o mundo da morte e da

ressurreição. As interpretações sobre o seu significado diferem.

Se para alguns arqueólogos as figuras gravadas nas tampas de sepultura estariam relacionadas com a identificação da actividade dos defuntos, neste caso, as armas indicariam que se tratava de um guerreiro, para outros arqueólogos, aquelas figuras seriam a representação de um deus da fecundidade e da vida para além da morte.

Já as placas de xisto, encontradas, por norma, em sepulturas megalíticas onde o espaço de enterramento era partilhado por vários indivíduos, são, para a maior parte dos arqueólogos, elementos simbólicos associáveis a uma divindade com origem no médio oriente, que se teria espalhado pelo mediterrâneo, a "Deusa dos Olhos de Sol" e permitiriam fazer a ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos. No entanto, outros investigadores sugerem que as placas de xisto, tendo em conta os padrões dos motivos decorativos, poderiam ter apenas a intenção de documentar as linhagens a que pertenciam os seus utilizadores.



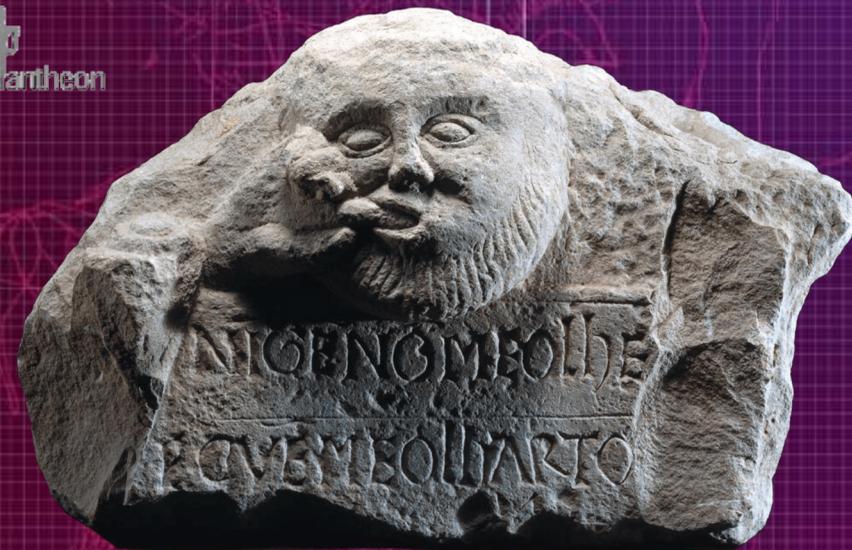
em parceria com o



Como acima referimos, o mapa para decifrar este labirinto não chegou intacto aos nossos dias, pelo que algumas das interpretações que fazemos podem não corresponder ao que pretendiam os nossos antepassados.

Esta é uma das limitações ao nosso conhecimento da arte e da relação do homem com o divino, ao longo do tempo Pré-histórico, mas é, simultaneamente, uma das razões que tornam estes temas tão interessantes para nós, que tendo ao nosso dispor uma tecnologia e um manancial de informação incomparavelmente superior, continuamos a ter necessidade de nos relacionar com os Deuses que nos confortam, quando a lógica não nos fornece uma explicação para os abalos do nosso axis mundi.

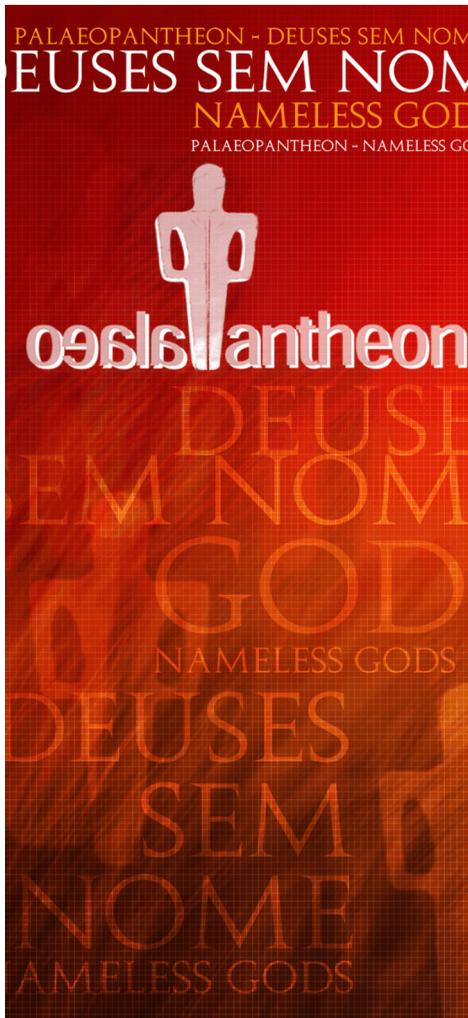
15 Out > 14 Nov '2010



## Exposição de Arqueologia

### NAMELESS GODS DEUSES SEM NOME





## Deuses Sem Nome

As manifestações artísticas têm o seu aparecimento associado a razões culturais, uma vez que implicam uma capacidade de abstracção individual de quem as elabora e de quem as observa.

Por esse motivo, quando em finais do século XIX se identificaram os primeiros sítios arqueológicos e objectos com manifestações artísticas, os mais cépticos duvidaram da capacidade dos nossos antepassados em produzirem aquele tipo de representações do seu mundo. Seriam demasiado primitivos para isso...

Não havendo, no caso dos sítios com pinturas e gravuras rupestres, uma associação directa entre as representações e vestígios de uma ocupação arqueológica Pré-histórica, a incredulidade sobre as capacidades dos nossos antepassados, levava a que se insinuasse que os achadores dessas manifestações artísticas eram, simultaneamente, os seus autores, que tentavam atingir a fama através de uma descoberta que os tornaria célebres.

Com a evolução da arqueologia esse cepticismo foi, lentamente, derrotado, à medida que fomos conhecendo melhor os nossos antepassados mais remotos. O Homem de Neandertal, passou, no

imaginário colectivo, de um macaco selvagem a alguém igual a nós, tanto em aspecto como em comportamento.

Hoje sabemos que as populações que nos antecederam tinham um pensamento complexo e uma capacidade de abstracção que lhes permitia elaborar utensílios, que exigem o planeamento das diferentes operações necessárias até à sua conclusão. Por exemplo, o ser capaz de pegar num seixo e de o transformar num biface, prevendo os pontos onde teria de produzir um impacto para conseguir talhar o seixo até obter aquela forma.

Essa capacidade era igualmente importante na criação de representações artísticas, manifestações que hoje interpretamos como representações ligadas ao mundo do Divino. Desde o momento da descoberta das primeiras manifestações artísticas, que tem sido feita a



sua associação com um mundo onde estas estabelecem uma relação entre o Homem e as Divindades que lhe confortavam o espírito.

Os arqueólogos têm, no entanto, uma dificuldade insuperável no conhecimento dessas divindades, uma vez que os testemunhos da sua existência são apenas fragmentos da realidade vivida pelos nossos antepassados. Não sabemos, por exemplo, como eram designadas essas divindades, nem quais os rituais utilizados no seu culto. Temos, apenas, um conjunto de testemunhos, que permitem múltiplas interpretações quanto à sua utilização e aos rituais associados ao culto das divindades.

Leroi-Gourham, um dos grandes estudiosos das manifestações artísticas Pré-históricas, não teve dúvidas em considerar que as manifestações artísticas estavam relacionadas com o divino, mas que a nossa ignorância sobre os ritos praticados pelos nossos antepassados é semelhante à que teria qualquer ser extra-terrestre, que fosse confrontado com os nossos templos e representações artísticas que os decoram, ou às alfaias litúrgicas, sem ter acesso aos textos sagrados, ou às descrições dos rituais.

Por certo, que compreenderia estar perante testemunhos de manifestações divinas, mas teria imensa dificuldade em reconstituir, a partir deles, todos os rituais em que eram utilizados.

Só com a escrita, cujos primeiros registos conhecidos são as tabuinhas de barro recolhidas na Suméria, começamos a conhecer as divindades como Enki ou Marduk, pelo seu nome. É, também, nessa altura, que ficamos a conhecer os primeiros relatos das acções das divindades junto dos homens e a ter forma de contextualizar, ainda que parcialmente, os testemunhos das actividades rituais de culto aos deuses.



Nesta exposição o foco está centrado nas divindades e Deuses anteriores ao aparecimento da escrita, aqueles cujo rosto desconhecemos e o nome ignoramos e que, por isso mesmo, são designados como DEUSES SEM NOME.

Os testemunhos dedicados a estes DEUSES SEM NOME vão-se modificando com o passar do tempo, procurando reflectir-se essas mudanças nos conteúdos desta exposição.

Se as mais antigas manifestações artísticas indiciam a existência de uma ligação do homem ao mundo do sagrado, é, apenas, com a emergência das sociedades agro-pastoris que surgem religiões organizadas, onde os Deuses se relacionam com os homens, através de um conjunto de rituais e mediadores, que implicam uma hierarquização na relação com o divino e lhe conferem

um aspecto formal que se diferencia da simples ligação a entidades divinas.

Estes Deuses, já não servem só para confortar o espírito, mas também, para marcarem a sua importância no território que os grupos humanos passaram a apropriar em função das necessidades da vida em sociedades complexas, onde a cada um cabe um diferente papel na sobrevivência e progresso do grupo.

Das representações Paleolíticas centradas na temática dos animais não domesticados, passa-se para representações que retratam outras formas de interacção com o território, nomeadamente a sedentarização, a domesticação de animais e a actividade agrícola.

Esta exposição procura acompanhar essa evolução das representações das divindades, através de um conjunto de temas que abrangem as diversas vertentes das manifestações artísticas associadas às divindades Pré-históricas.

As figuras representadas, os locais onde são realizadas, a forma como são desenhadas, o valor simbólico que assumem, são aspectos abordados nos diversos temas.

As representações artísticas Pré-históricas dividem-se em dois grandes grupos: a arte rupestre e a arte móvel. Estes DEUSES SEM NOME, são comuns aos países que bordejam o Mediterrâneo, e revelam um conjunto de influências e contactos que não podem ser vistos de forma isolada.

Deste modo, os exemplos de arte parietal, proveniente de diversos países, foram transpostos para um conjunto de painéis onde se encontram reproduzidos através de desenhos e fotografias.